

A amizade sob os encobrimentos: análise de “O cavalo que bebia cerveja”, de João Guimarães Rosa

Doutorando Anderson Teixeira Rolimⁱ (UEL)

...

Resumo:

Este trabalho analisa o conto “O cavalo que bebia cerveja”, de João Guimarães Rosa. Para isto, observa as relações antagônicas entre o narrador protagonista, Reivalino Belarmino, e o estrangeiro que motiva a narração, Seo Giovânio, a partir da situação enunciativa e do efeito insólito que dela decorre. Assim, observa os pontos de contato e distanciamento entre os dois personagens e as trocas culturais efetuadas entre eles e evidencia como, no processo de construção da narrativa, a presença do estrangeiro influencia na construção da identidade do brasileiro.

Palavras-chave: Conto, João Guimarães Rosa, estrangeiro, brasileiro, insólito

1 História de desencontros e encontros

“O cavalo que bebia cerveja”, publicado em *Primeiras Estórias* (1962), de João Guimarães Rosa, narra o contato e a aproximação entre Reivalino Belarmino, o brasileiro, e Seo Giovânio, um italiano, fugitivo da primeira guerra mundial, que causa estranheza por ser tão recluso e arredo. O conto trata das tensões entre o segredo e a confiança, mediadas pelo percurso de Belarmino em busca dos motivos ocultos de Giovânio.

Segundo Adelaide Caramuru Cezar (2010), não é possível precisar com segurança o espaço em que a história ocorre, mas definitivamente é distinto daquele sertão descrito por Riobaldo no único romance do escritor. Aqui, prevalece a lei, representada pelo subdelegado e pelos homens do Consulado. Há, também, a igreja a delinear os ritos e a sociabilidade do lugar. O estatuto da cidadania, portanto, é uma das marcas dessa comunidade. Ainda que se trate de espaços distintos, a cidade interiorana e a chácara próxima a esta cidade, ambos estão sujeitos às obrigações e aos auspícios da lei, como se observa nas incursões de seo Priscílio, o subdelegado, na chácara do italiano.

Quando chegou, o estrangeiro era visto com desconfiança por Reivalino, justamente porque morava numa chácara “meio ocultada, escurecida pelas árvores” (ROSA, 2001. p.141) e vivia em constante atenção, sempre com as armas em punho. Além disso, as pessoas do lugar falavam dos estranhos costumes de Giovânio, como comer cabeças de alfaces na varanda da casa e comprar caixas de cervejas para dar de beber ao cavalo.

A doença e a morte da mãe de Reivalino iniciam por estreitar os laços entre o estrangeiro e o brasileiro, pois, primeiro, quando ela adoece, Giovânio paga os remédios de seu tratamento e, segundo, mais tarde, quando ela morre, o italiano chama o jovem órfão para trabalhar com ele na chácara. A partir de então, o relacionamento entre eles se dará por um contrato de confiança, em que ao jovem cumpre uma função mista entre segurança e companhia, mas que, na prática, se resume a passar os dias na propriedade a vaguear e, vez ou outra, comprar as cervejas para o cavalo.

É neste contexto que fica evidente a desconfiança de Reivalino, pois, mesmo estando na chácara todos os dias, nunca tinha visto o tal cavalo bebedor de cerveja e, mais ainda, não tinha autorização para conhecer o interior da casa. Mesmo o italiano entrava poucas vezes na habitação, “a não ser para dormir, ou para guardar cerveja” (ROSA, 2001. p.143). Resumidamente, uma sentença evidencia o incômodo do brasileiro: “Do que mais estranhei, foram esses encobrimentos” (ROSA, 2001. p.143).

Quando chegam, no vilarejo, dois homens vindos da capital, com a intenção de escutinar a

vida de Giovânio, Reivalino é chamado, por intermédio do subdelegado, seo Priscílio, para dar informações. “Tudo para tirar tradição do homem, queriam saber, em pautas ninharias” (ROSA, 2001. p.143). Os homens pagam boa quantia a Reivalino, que, ao contrário do que eles esperam, não dá informações relevantes como, por exemplo, se ele morava mesmo sozinho. Todavia, as perguntas e os pedidos dos homens de fora deixam claro que eles procuravam por um fugitivo de guerra.

É neste íterim, entre a visita dos homens da capital e a averiguação de seo Priscílio, que Giovânio surpreende Reivalino e leva o consigo para conhecer a casa. Mas, ainda assim, “Lá dentro, até fedia a coisa sempre em tampa, não dava bom ar” (ROSA, 2001. p.144) e a visita não deixou Reivalino menos desconfiado, pois além de não ter averiguado todos os quartos, dias depois, veio a notícia de que um cavalo (um cavaleiro?), saído da chácara, galopava naqueles ermos, durante a noite.

Com ainda maior suspeita e com a chegada, mais uma vez, dos homens de fora, Reivalino decide contar tudo o que sabe a eles, todas as estranhezas. Isto faz com que seo Priscílio retorne à chácara do italiano a fim de averiguar, de uma vez por todas, que histórias eram aquelas de cavalo beber cerveja.

Após as incursões sucessivas do subdelegado na chácara de Giovânio e as revelações que delas decorrem, como o cavalo bebedor e o cavalo branco empalhado num dos quartos da casa, acabam as suspeitas de Reivalino acerca de Giovânio.

O fim do conto traz a anunciação, pelo italiano, de que seu irmão, Josepe, escondido na casa o tempo todo, estava morto. Apesar da surpresa, o enterro acontece normalmente até que seo Priscílio exige que se levante o lençol que recobre o defunto. “Mas, aí, se viu só o horror, de nós todos, com caridade de olhos: o morto não tinha cara, a bem dizer – só um buracão, enorme, cicatrizado antigo, medonho, sem nariz, sem fazes” (ROSA, 2001. p.147).

O desfecho inesperado mostra ainda que o italiano, apesar da tristeza, não mudou seus costumes. Mas, por fim, antes de despedir-se de Reivalino, Giovânio toma com ele as cervejas que ainda restavam na chácara e pede que leve com ele “o cavalo – alazão bebedor – e aquele tristonho cachorro magro” (ROSA, 2001. p. 148).

Assim, Reivalino fica sabendo da morte de Giovânio porque o italiano deixou-lhe a chácara como herança, mas a tristeza que a memória lhe traz impediu que o brasileiro tomasse posse do lugar, preferindo vendê-lo, não sem antes enterrar o cavalo empalhado.

2 Do segredo e das diferenças

O narrador brasileiro, Reivalino Belarmino, discorre sobre o tempo em que conviveu com o italiano Giovânio. O conto se inicia com chegada do forasteiro e termina com a sua morte. Assim, o conto é marcado pelas diferenças do estrangeiro em meio ao sertão.

No início, a postura de Reivalino tende à xenofobia:

Eu remoia o rancor: de que, um homem desses, cogotudo, panturro, rouco de catarros, estrangeiro às náuseas – se era justo que possuísse o dinheiro e estado, vindo comprar terra cristã, sem honrar a pobreza dos outros, e encomendando dúzias de cerveja, para pronunciar a feia fala. (ROSA, 2011. p.142).

Ele dá muitos motivos para não gostar do italiano, a gastronomia bizarra, pedir cerveja para o cavalo beber, a pronúncia errada, a fortuna, etc. Mas, encerra a descrição de Giovânio evidenciando a causa maior das suas suspeitas: o italiano era um “Sujeito sistemático, com sua casa fechada, pensasse que todo o mundo era ladrão” (ROSA, 2001. p.142).

Assim, o brasileiro desconfia do italiano porque o italiano desconfia de tudo e de todos. E esta desconfiança em relação ao estrangeiro cresce durante o conto, mesmo quando Reivalino passa a conviver com Giovânio, como adverte o narrador em: “Do que mais estranhei, foram esses encobrimentos. Na casa, grande, antiga, trancada de noite e de dia, não se entrava; nem para comer, nem para cozinhar. Tudo se passava da banda de cá das portas.” (ROSA, 2001. p.143), ou em: “Mas

eu queria jeito de entender, nem que por uma fresta, aquela casa, debaixo de chaves, espreitada” (ROSA, 2001. p.144).

A reclusão que marca a intimidade do italiano, tanto dos assuntos quanto dos espaços, impulsiona o desejo do brasileiro em saber mais dela. Há um exotismo latente na perspectiva do brasileiro. É esse saber oculto, os motivos do estrangeiro ser assim, tão diferente, que movem o brasileiro. Entender o estrangeiro é um dever para ele. Descobrir aquilo que apenas ele sabe é também um desejo notório no percurso do narrador protagonista. Para tanto, é preciso ter a coragem que a tarefa demanda e ele, várias vezes, reafirma sua capacidade. “Sabia que sou sem temor, em meus altos, e que enfrento uns e outros, no lugar a gente pouco me encarava” (ROSA, 2001. p.143) “Perigoso, para mim? – ah, ah” (ROSA, 2001. p.144). “Sou para sacar faca e arma. Seo Priscílio sabia” (ROSA, 2001. p.147).

Portanto, é o saber recluso, o segredo, que diferencia Giovânio e Belarmino. A informação capital atualiza o personagem e elimina a maior diferença entre eles, esse descompasso no saber, que sanciona a fronteira entre o segredo e a confiança.

Destarte, o processo de trocas culturais em Giovânio é marcado pela passagem do mínimo contato à camaradagem, de acordo com a situação de segurança que o seu segredo exigia. Assim, aquele que vivia recluso se integra à comunidade no momento da morte do irmão. “Aquele enterro foi muito conceituado. Seo Giovânio pudesse se gabar, ante todos” (ROSA, 2001. p.147). Num sentido mais prático, este processo, no estrangeiro, pode ser calculado pelas relações contratuais que ele estabelece com Reivalino, o narrador protagonista.

O primeiro contrato entre eles se dá pela necessidade que Giovânio tinha das cervejas. O segundo contrato, o texto deixa entrever, é decorrente do apreço que o italiano tinha por Reivalino: “Depois, indagou se eu queria vir trabalhar para ele. Sofismeí, o quê. (...) Tanto, que não me deu nem meio serviço por cumprir, senão que eu era para burliquear por lá, contanto que com as armas” (ROSA, 2001. p.142). Do mesmo modo, a estima de Giovânio para com Reivalino fica evidente na morte e no testamento dele. O terceiro contrato, portanto, é a herança da propriedade. Então, a gradação no nível contratual evidencia a gradação na consideração que o italiano tinha para com o jovem brasileiro, encerrando pela revelação da intimidade entre os dois através do estatuto da sucessão patrimonial.

Noutro sentido, o processo de trocas culturais, no brasileiro, pode ser medido em dois planos. O primeiro, aquele que decorre da situação em que se constrói o enunciado, pois tendo vivido a história que está a narrar, este narrador adulto deixa perceber seu apreço pelo estrangeiro, através da sucessão de opiniões ambivalentes: “Tudo nele me dava raiva” (ROSA, 2001. p.142) “não dispunha de minha ira” (ROSA, 2001. p.142). “Tomara ele me xingasse! Aquele homem ainda havia de me ver” (ROSA, 2001. p.143). “Desgraçado, dele” (ROSA, 2001. p.144). “Coisa terrível, assistir aquele homem, no não dizer suas lástimas” (ROSA, 2001. p.146).

Destarte, a coexistência de termos pejorativos e apreciativos demonstra que, no momento da enunciação, o narrador é um admirador do estrangeiro. Tanto que, por mais que se esforce para demonstrar o distanciamento com que ele recebeu o forasteiro, ainda sobressaem passagens ambíguas como “não dispunha de minha ira” (ROSA, 2001. p.142).

O segundo plano é aquele em que os fatos enunciados mostram que o aumento do contato resulta numa progressão da estima do brasileiro para com o estrangeiro, pois, se a narrativa se inicia com a sentença da dessemelhança e do despreço, “Tudo nele me dava raiva” (ROSA, 2001. p.142), ela é encerrada com a marcação definitiva da empatia, “Lá nunca voltei. Não, que não me esqueço daquele dado dia – o que foi uma compaixão” (ROSA, 2001. p.148). Há, portanto, no fim deste contato, uma participação do brasileiro na desgraça do estrangeiro, que suscita um impulso altruísta de ternura para com ele.

Deste modo, Belarmino aceita os contratos com o estrangeiro, sempre ao seu modo. Primeiro, buscava cervejas para Giovânio apenas quando queria. Depois que passou a trabalhar com o italiano, também recebeu boa quantia para espioná-lo. Por fim, ganhou a chácara como herança, mas a vendeu. Entretanto, os desvios de Reivalino não constituem quebra deste contrato. Noutro

sentido, denotam a adaptação das demandas, tanto do estrangeiro quanto do brasileiro, à realidade que lhes é imposta. Tanto que Giovânio advertia Reivalino, “Irivalíni, eco, a vida é bruta, os homens são cativos...” (ROSA, 2001. p.146)

As suspeitas de Reivalino parecem terminar apenas depois da terceira investida de seo Priscílio, desta vez com um soldado. A revelação do cavalo empalhado, bizarro, faz com que o brasileiro demonstre indulgência para com o italiano. “Coisa terrível, assistir aquele homem, no não dizer suas lástimas” (ROSA, 2001. p.146). A partir deste ponto, a opinião do brasileiro muda:

Saí, então, fui no seo Priscílio, falei: que eu não queria saber de nada, daqueles, os de fora, de coscuvilho, nem jogar com o pau de dois bicos! Se tornassem a vir, eu corria com eles, despauterava, escaramuçava – alto aí! – isto aqui é Brasil, eles também eram estrangeiros (ROSA, 2011. p.146).

Enfim, Reivalino faz valer o contrato de confiança com Giovânio, argumentando que o estatuto de estrangeiro era o mesmo para aqueles que investigavam e aquele que era investigado. A desconfiança de Reivalino é transferida para “os de fora”, enquanto Giovânio passa a ser, pela proximidade e pelo contato, elemento de confiança e que merece ser defendido.

Reforça esta perspectiva o fato de que a descoberta da existência de um irmão de Giovânio não abalou a confiança de Reivalino no italiano. Ao contrário disso, esclarece os motivos pelos quais o forasteiro tinha sido tão recluso. A revelação do irmão morto é a revelação da humanidade e da misericórdia no italiano que, em tantos anos, vivera apenas preocupado em proteger o irmão fugitivo e mutilado de guerra.

Desta maneira, a assimilação dos traços culturais do estrangeiro pelo brasileiro pode ser verificada tanto na linguagem quanto nos modos.

Se o narrador começa evidenciando a língua estranha de Giovânio e reclamando que ele não conseguia pronunciar seu nome corretamente, termina ele mesmo misturando as palavras do italiano às suas, quando, na despedida com ares de solenidade, o estrangeiro divaga sobre a vida, ele busca responder da maneira mais adequada possível: “– ‘Irivalíni... que esta vida... bisonha. Caspitê?’ – perguntava, em todo tom de canto. Ele avermelhadamente me olhava. – ‘Cá eu pisco...’ – respondi”. (ROSA, 2001. p.147)

Assim, a resposta assertiva evidencia a estima de um para com o outro. Do mesmo modo, avulta-se a hibridez do termo que, semanticamente, não tem relação entre as línguas italiana e portuguesa, mas tem uma similaridade fonética que pressupõe mais hospitalidade do que conhecimento linguístico.

Noutro caso, quando finaliza a enunciação, mostra uma apropriação mais profunda dos elementos culturais estrangeiros, quando, noutro vocábulo híbrido, anuncia o seu saber: “Eu, Reivalino Belarmino, **capisquei**.” (ROSA, 2001. p.148, grifo nosso). O verbo, derivado do italiano *capire* (entender), na versão aportuguesada, capisco-capisquei, mostra a intensidade da absorção, assim como denota o domínio do conhecimento oculto. Ao ponto que, se começa o conto desconfiado das atitudes do estrangeiro, suspeitando segredos, ao final, ele mesmo, como fazia o italiano, prefere usar de um embuste, dizendo: “Vim bebendo as garrafas todas, que restavam, faço que fui eu que tomei consumida a cerveja toda daquela casa, para fecho de engano” (ROSA, 2001. p.148).

À medida que cresce seu apreço por Giovânio, e vice-versa, também aumenta a sua compreensão acerca da intimidade e apreensão de seus valores. A casa fechada de que reclama, no começo do conto, é a extensão lógica dos assuntos pessoais. Mas, naquele momento, não tinha em conta os motivos do italiano para tamanha reclusão, de si e do mundo. O conhecimento e a experiência mudam o ponto de vista do narrador protagonista.

Do mesmo modo, a revelação mostra, no estrangeiro, a abertura para uma sociabilidade distinta daquela anterior, limitada pelo segredo: “Sendo que foi de repente. Seo Giovânio abriu de em par a casa” (ROSA, 2001. p.147). A casa aberta denota uma quebra na expectativa do brasileiro em descobrir o que havia naquele lugar, pois é o italiano que apresenta todos os fatos para ele e,

deste modo, o preconceito é substituído pela compreensão e pela familiaridade.

É mister dizer que os nomes dos personagens também auxiliam na compreensão das funções que eles desempenham na narrativa. Reivalino é forma híbrida, variante de Rivalino ou Rivelino. Na raiz do nome, a forma completa do substantivo ‘rei’ denota a ligação efetiva com o lugar em que se desenrola a história, assim como evidencia a postura defensiva do narrador protagonista. Ele estava sempre ativo e pronto a defender o território que entende como seu.

Noutro sentido, o nome liga-se ao similar italiano, *rivale*, rival. E, pelo sufixo –ino, formador de adjetivos, avulta-se a caracterização combativa. Reivalino tem em si o sentimento de pertença para com aquele local e vai defendê-lo.

Interessa também o vocativo usado por Giovânio para o protagonista: Irivalíni. A versão, foneticamente similar ao original Reivalino, tanto remete ao diminutivo carinhoso, ‘rivalzinho’, quanto à negação da rivalidade, através do prefixo –i.

Logo, se Reivalino, por um lado, indica a contenda e o antagonismo entre o brasileiro e o autóctone, por outro lado, Irivalíni nega a oposição entre os dois, assim como indica o afeto entre eles.

Belarmino, na língua portuguesa, é um adjetivo e significa indivíduo tolo, imbecil, palerma. A origem é o antropônimo italiano e tem valor pejorativo. ‘Bel’ remete ao belo e tem valor adjetivo. ‘Armino’ é variante de ‘arminho’ e refere-se às insígnias de nobreza ou fidalguia, reiterando o radical ‘rei’ do nome próprio Reivalino. No italiano, *armino* significa ‘armar-se’ e, portanto, também diz respeito à maneira de ser do protagonista, sempre “com as armas” (ROSA, 2001. p.143). Por isso, o nome Reivalino Belarmino é um indício das funções e das características do personagem da narrativa, assim como reforça a ligação com Giovânio, pela origem italiana dos nomes.

Giovânio, por sua vez, é versão aportuguesada do italiano Giovanni, derivado do hebraico, via versão latina *Ioannes*, e significa ‘amado por Deus’. Assim como Reivalino Belarmino, o nome Giovânio é indicativo das funções desempenhadas pelo personagem, na narrativa, como a reclusão auto-infringida a fim de proteger o irmão e a maneira fraternal com que trata Reivalino. Além disso, a morte do irmão libera-o do segredo e, no fim do conto, há uma conexão dele com a comunidade, através dos ritos mortuários católicos, que reforça a ligação do nome à religião: “Quis o padre, quis o sino da igreja para badalar as vezes dos três dobres, para o tristemente” (ROSA, 2001. p.147)

É importante salientar, portanto, a similaridade na origem dos nomes de Giovânio e Reivalino Belarmino. A história deixa notório que o forasteiro fugiu da Itália e chegou aqui em 1918, no ano em que a gripe espanhola vitimou milhares de pessoas. No entanto, sobre a origem de Reivalino muito pouco é dito. A narração deixa entrever apenas que ele é daquele mesmo lugar.

A narrativa menciona a importância da mãe, pela presença marcante nas memórias da infância e pelo apreço que o italiano tinha para com ela, como adverte o próprio narrador: “Isto é, minha mãe ele estimava, tratava com as benevolências” (ROSA, 2001. p.142). Todavia, se não é mencionado o pai de Reivalino, nem sua ascendência, fica evidente o sentimento de pertença com o espaço em que se desenvolve a narrativa, pelo protecionismo com que trata das questões de propriedade e privacidade e pela linguagem pitoresca, que marca toda a enunciação.

Portanto, o conto não permite dizer que Reivalino Belarmino é mesmo descendente de italianos, mas a ligação amistosa e misericordiosa entre a mãe do brasileiro e o italiano e o modo fraternal com que Giovânio trata Reivalino, além da evidente semelhança fonética e etimológica, deixam entrever a intersecção entre eles.

Assim, Belarmino é tolo, pois não percebe ou não quer aceitar sua ligação evidente com o estrangeiro. Entretanto, sua história mostra algo diferente, pois o estrangeiro é o motivo da narrativa e o seu centro. Tudo gira em torno dele e de seu segredo.

3 Reivalino e Giovânio: a amizade sob os encobrimentos

O percurso narrativo do brasileiro é marcado pela sequência: desconfiança, investigação,

revelação, confiança; enquanto o do italiano é caracterizado pela misericórdia velada, pelo segredo e pela aceitação.

O estatuto que baliza a diferença entre os dois personagens é evidentemente a cidadania. A postura de Reivalino para com a questão, política em sua essência, da presença do estrangeiro deriva da sua condição de cidadão brasileiro, “– alto aí! – isto aqui é Brasil” (ROSA, 2001. p.146). Giovânio, estrangeiro com residência brasileira, por sua vez, se tem direito à propriedade, não tem o direito à privacidade, como fica evidente pelas incursões investigativas de seo Priscílio.

Inicialmente, Reivalino despreza o estrangeiro pelo seu modo rude de proteger a privacidade, bastante distinto daquele que a pequena comunidade pratica e atribui a si. Esta é a diferença basilar entre eles, razão da crítica feita pelo narrador na apresentação de Giovânio. Então, parece existir um esforço para que o estrangeiro se assimile àquele modo de privacidade bastante particular dos brasileiros, em que figura, na sua superficialidade, um entendimento menos rígido de intimidade.

E se a assimilação de Giovânio na comunidade se efetiva a partir da revelação do irmão morto, através do funeral e da participação da comunidade no sofrimento do italiano, o caso do brasileiro não é tão distinto, quando passa a usar de desfaçatez, fazendo-se de bebedor que não é. O expediente do italiano se desdobra num modo de ser do brasileiro, velando os fatos que narra, como em: “faço que fui eu que tomei consumida a cerveja toda daquela casa, para fecho de engano” (ROSA, 2001. p.148).

Por conseguinte, a intolerância do brasileiro se transforma em confiança, pela assimilação e compreensão dos motivos de Giovânio e, assim, a conexão do estrangeiro com o brasileiro, no conto rosiano, é evidente: a ligação religiosa se efetiva pelos ritos funerários e ligação jurídica entre eles se dá pela sucessão patrimonial, enquanto a ligação afetiva se dá pelo motivo da enunciação.

Por fim, é preciso ressaltar a relação familiar entre eles. A proximidade é cotidiana e todos os trechos em que Giovânio fala com Reivalino são recobertos por uma intenção didática: “Irivalíni, que estes tempos vão cambiando mal. Não laxa as armas!” (ROSA, 2001. p.145), “Irivalíni, pecado que nós dois não gostemos de cerveja, hem?” (ROSA, 2001. p.146), “Irivalíni, eco, a vida é bruta, os homens são cativos...” (ROSA, 2001. p.146), “Josepe, meu irmão (...) Que esta é a guerra...” (ROSA, 2001. p.147). Além disso, apesar de não ficar explicitado o tempo em que decorrem os fatos enunciados, fica evidente que não se trata de um período curto. Portanto, o contato cotidiano entre Giovânio e Reivalino tem como resultado imediato, por um lado, a intensidade dos laços afetivos entre eles e, por outro lado, a construção da identidade híbrida do brasileiro. A perspectiva com que o brasileiro vê o mundo se altera pela convivência com o italiano, na medida em que a experiência do contato é perpassada pelo didatismo de Giovânio.

De acordo com Zuzana Burionová, nos contos de *Primeiras estórias*, nomeadamente “O cavalo que bebia cerveja”,

A narração transmite o saber da vivência inserida na temporalidade da natureza, na sucessão do fluir existencial, vivência aceita com tranquilidade e resignação e culminada na morte (...) Devido à distância tempo-espacial que se estabelece, no plano ficcional, entre o tempo da história e o tempo do discurso, ou seja, entre a sensação e a sua imagem, a experiência aparece no momento da sua reconstrução sob um novo ângulo de visão, carregada de desejo de ensinar. E, simultaneamente, ao ser lembrada e revivida em uma dialética de conclusão – abertura, ela foge à linearidade finita e remete à eternidade (BURIONOVÁ, 1999. p.27).

Assim, através da ambivalência entre a malquerença e o comprazimento, a enunciação evidencia a assimilação dos modos do estrangeiro, no compasso entre a suspeita e a revelação que engendra a narrativa. Neste cenário, o segredo constitui-se como elemento de valor, do mesmo modo em que sanciona a fronteira entre estrangeiro e brasileiro. Ter o domínio da informação permite eliminar as barreiras entre eles, movendo-os na direção de um relacionamento fraternal, mas que deixa marcas mais evidentes no entendimento das diferenças – o capiscar, que marca a enunciação e a sequência dos fatos narrados.

Conclusão

É neste sentido que “O cavalo que bebia cerveja” provoca o insólito. Na sua análise etimológica do vocábulo *unheimlich*, Freud aponta que, para o filósofo alemão Friedrich Schelling, o “*unheimlich* seria tudo o que deveria ter permanecido secreto, oculto, mas apareceu” (FREUD, 2010. p.338). Assim, o inquietante também se relaciona àquela categoria das coisas não ditas ou secretas, que devem manter-se desconhecidas.

O estranho neste conto rosiano é, portanto, mais produto da manipulação do segredo na enunciação, que leva aos desdobramentos do insólito no texto, do que das revelações bizarras, os cavalos, o defunto, as deformidades. Segundo Freud, “O estranhamento familiar nasce na vida real quando complexos infantis recalcados são reanimados por alguma impressão exterior, ou quando convicções primitivas superadas parecem ser novamente confirmadas”.

Este é precisamente o caso do conto rosiano, pois é indispensável que exista a familiaridade entre eles para que possa acontecer, na enunciação, o efeito pretendido e se estabeleça o insólito que recobre toda a narrativa. É na reconstrução do recalque de Reivalino que está a confirmação das convicções primitivas de que Freud fala e que o enunciado denuncia. b

Enfim, o conto rosiano é capaz de figurativizar o processo de trocas entre o brasileiro e o estrangeiro, por suas distinções e intersecções, ao mesmo tempo em que destaca os elementos insólitos, através da situação enunciativa e das descrições de bizarras, a fim de dissimular a saudade.

Referências Bibliográficas

- 1] CEZAR, Adelaide Caramuru. “Um italiano na obra de Guimarães Rosa”. *Plural Pluriel Revue des cultures de langue portugaise*. v. 4-5. Em: <[http:// www.pluralpluriel.org](http://www.pluralpluriel.org)> Acesso em: 17 de julho de 2011.
- 2] BURIANOVÁ, Zuzana. “Do tempo na narrativa ao tempo em primeiras estórias”. Em: *Românica Olomucensia VIII, Olomouc, Vydavatelství UP Olomouc (CZE)*. 1999, v. 74, p. 19-30. EM: <http://publib.upol.cz/~obd/fulltext/Romanica-8/Romanica-8_03.pdf> Acesso em: 17 de julho de 2011.
- 3] FREUD, Sigmund. “O estranho”. In: *Obras psicológicas completas*. Vol. XVII. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Imago. 3. ed., 1990.
- 4] ROSA. João Guimarães. “O cavalo que bebia cerveja”, em *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.